



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA DE CIÊNCIAS HUMANAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**THAINARA ANDRADE CAVALCANTE**

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PRÁTICAS DE UMA DOCENTE DA  
REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**

**RIO DE JANEIRO  
2022**

THAINARA ANDRADE CAVALCANTE

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
PRÁTICAS DE UMA DOCENTE DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Marcelo Macedo Corrêa e Castro

Rio de Janeiro  
2022

THAINARA ANDRADE CAVALCANTE

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL:**  
Práticas de uma docente da Rede Municipal do Rio de Janeiro

Monografia de conclusão de curso apresentada à Faculdade de Educação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Marcelo Macedo Corrêa e Castro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Luciene Cerdas

---

Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Patricia Baroni

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho a todos que de alguma maneira contribuíram para que este momento chegasse. Do ensino fundamental até a Universidade.

Agradeço primeiramente a minha filha, Sofia. Ela é a razão de tudo. Se tenho força hoje para realizar meus objetivos, a inspiração é ela.

Agradeço aos meus pais, que desde sempre se empenharam para que eu chegasse onde cheguei, muitas vezes abrindo mão de momentos de suas vidas para que eu e minhas irmãs pudéssemos estudar.

A elas, minhas irmãs, Alice e Maria Luiza, também fica o meu agradecimento; aprendo muito com vocês.

Ao meu companheiro de vida, Fabiano, por me apoiar e encorajar nessa jornada e em tantas outras.

Muito obrigado também aos meus companheiros de faculdade, Alex, Cristiane e Ana Luiza; vocês tornaram essa jornada mais leve e acolhedora.

Agradeço também ao meu orientador, Marcelo, que desde o primeiro contato foi extremamente solícito e atencioso comigo; muito obrigada pelos conselhos e conversas.

Por fim, agradeço às professoras Luciene e Patricia, por aceitarem fazer parte da banca e pelos ensinamentos na Faculdade de Educação; muito obrigada.

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto as práticas literárias em sala de aula de uma professora que contribuem com a formação da identidade de seus alunos da educação infantil. A observação e a análise se deram através de relatos da professora atuante da Secretaria Municipal de Educação - SME do Rio de Janeiro, questionário realizado com as famílias que aceitaram participar do projeto e minha vivência na sala de aula de alunos com 3 e 4 anos, por um período de 6 meses com esta professora. O objetivo desta pesquisa é mostrar que é possível formar alunos na educação infantil que saibam se reconhecer individualmente e em sociedade. Este estudo traz as práticas da professora que contribuem para tal resultado e analisa como seu método de trabalhar a literatura com seus alunos ultrapassa a conhecida “contação de histórias” e contribui para a formação de suas identidades.

Palavras-chave: educação infantil; prática pedagógica; identidade; literatura.

## **ABSTRACT**

This work has as its object of literary education the classroom of a teacher who contributes to the formation of the identity of her students of the child. The observation and analysis took place through the reports of the active teacher of the Municipal Department of Education SME of Rio de Janeiro, carried out with families who accept to participate in the project and experience in the classroom of 3 and 4 year old students, a period of 6 months with this teacher. The objective of this research is to show that it is possible to train students who learn to promote education in society. This study brings as the teacher's practices that contribute to her formation of results and analyzes how to work literature with her methods of overcoming the well-known telling the formation of their stories of their identities.

Keywords: early childhood education; pedagogical practice; identity; literature.

## LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CNE - Conselho Nacional de Educação

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EDI- Espaço de Desenvolvimento Infantil

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

PNE - Plano Nacional de Educação

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

SME/RJ - Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1 Linha do tempo da educação infantil no Brasil.....</b>	<b>12</b>
1.1 Contribuições da DCNEI.....	14
1.2 O que diz a BNCC sobre a Educação infantil.....	15
<b>2 A importância do uso da Literatura na Educação infantil.....</b>	<b>18</b>
<b>3 A teoria e a prática.....</b>	<b>21</b>
<b>4 Considerações finais.....</b>	<b>32</b>
<b>Referências bibliográficas.....</b>	<b>34</b>
<b>Anexo 1.....</b>	<b>36</b>

*“É preciso que a leitura seja um ato de amor.”*

(Paulo Freire)

## INTRODUÇÃO

Este trabalho visa demonstrar na prática como é o trabalho de uma professora da Educação infantil no Rio de Janeiro que, segundo a minha avaliação, consegue contemplar os objetivos de aprendizagem da Educação infantil da Base Nacional Comum Curricular, que são: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se. Com relação a todos esses objetivos, percebe-se, através da análise feita, que essa docente faz o uso da literatura infantil para contemplá-los. Portanto, foi feita uma entrevista com a professora para que ela contasse mais sobre esse seu método literário e, em diálogo a isso, consultados os documentos oficiais da educação brasileira, a Base Nacional Comum Curricular e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Por fim, foi feita a análise das práticas da professora junto à teoria, para ilustrar que é possível alinhar as duas coisas e obter bons retornos por parte dos alunos.

Durante dois anos, fui estagiária de mediação de alunos na rede municipal do Rio de Janeiro. Nesse período, a turma era composta pelos mesmos alunos, com exceção de três, que saíram da escola, e um que mudou de turma. Em um ano, a turma era regida por uma professora e no outro ano, por outra. Observando a rotina dos alunos, notei que a diferença era significativa entre um ano e outro, e me atentei que a única mudança significativa que havia ocorrido era a de professora. Este fato me chamou a atenção e passei a observar a prática dessa docente e quis analisar como que o trabalho dela impactava na vida das crianças e das famílias. Toda semana, a professora trabalhava em aula um livro diferente, todos esses livros escolhidos por ela passavam uma mensagem moral, como, por exemplo, de combate ao racismo, usando uma linguagem totalmente apropriada para as crianças, de fácil entendimento. Em uma breve conversa com a docente, ela me explicou que a base da metodologia que ela usa em sala com as crianças é a literatura e os desdobramentos que um livro é capaz de ter em sala de aula.

Desde a infância, a criança é vista como um ser indefeso, que precisa de adultos para expressar opinião e definir sua identidade. As escolas de educação infantil precisam tornar possíveis vivências para seus alunos que permitam que eles tenham confiança de que são capazes de se aventurar em novas experiências,

desenvolvendo segurança e conseqüentemente autonomia e identificação como seres únicos e com suas próprias demandas.

Tanto creches quanto pré-escolas, como instituições educativas, têm uma responsabilidade para com as crianças pequenas, seu desenvolvimento e sua aprendizagem, o que reclama um trabalho intencional e de qualidade. (OSTETTO, 2000, p. 175)

Na educação infantil, há a prática de contação de histórias para as crianças, mas este estudo visa demonstrar que essa contação de história pode e deve ir além da rotina. A literatura pode ser um ótimo mecanismo na contribuição da construção da identidade da criança e a professora entrevistada irá mostrar que o uso da literatura na sala de aula dela foge da rotina e traz histórias que levam os alunos a pensar criticamente desde os três anos de idade.

Para desenvolver este estudo, fiz uma pesquisa bibliográfica de artigos e livros e uma análise dos documentos oficiais que temos no Brasil que tem como objetivo orientar as práticas pedagógicas da Educação infantil, que são as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEIs/2009 e a Base Nacional Comum Curricular - BNCC/2017. Com a leitura desses documentos, podemos identificar se a teoria consegue ser realizada na prática de um dia a dia escolar em uma escola municipal do Rio de Janeiro, através dos relatos da professora.

Este estudo justifica-se porque é preciso analisar e provar que é possível uma educação de qualidade desde os primeiros anos da criança. A Educação infantil tem a função de formar as crianças tanto quanto qualquer outro segmento da educação. Precisa-se desmistificar a ideia do assistencialismo na educação infantil e trazer para a realidade exemplos como este de que os alunos são seres individuais e que devem ser enxergados e compreendidos como tais.

## 1 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: UM PANORAMA HISTÓRICO

Para contextualizar a situação atual da Educação infantil no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, é preciso trazer um pequeno panorama histórico das primeiras escolas criadas para as crianças menores e como elas se desenvolveram até chegar no modelo que temos atualmente. Em 1899 foi criada a primeira creche no Brasil, de caráter totalmente assistencialista e de iniciativa privada. Ao longo dos anos seguintes, foram criadas novas creches, algumas públicas e com preços populares, mas todas eram voltadas para apenas cuidar de bebês e crianças cujas mães trabalhavam fora ou não tinham como sustentar seus filhos e os enviavam para as creches, para que lá tivessem refeições, banhos etc.

Quanto mais passavam os anos, mais parecia que as creches eram feitas apenas para tomar conta de crianças. Houve diversos movimentos no setor operário de trabalhadores reivindicando mais creches para seus filhos terem onde ficar, para que pudessem trabalhar. Os empresários por sua vez, viam nas creches uma forma de aumentar a produtividade das funcionárias mulheres, pois acreditavam que satisfeitas com as instituições em que seus filhos estavam, elas trabalhavam com mais vontade e disposição.

O fato dos filhos das operárias estarem sendo atendidos em creches, escolas maternais e jardins de infância, montadas pelas fábricas, passou a ser reconhecido por alguns empresários como vantajoso, pois mais satisfeitas, as mães operárias produziam melhor. (OLIVEIRA, 1992, p. 18).

Ao passar dos anos, o poder público assumiu um papel de criar creches e instituições para crianças que estavam em vulnerabilidade social, ou seja, a creche era uma espécie de refúgio para as famílias mais pobres. Já as particulares, deixaram de ser apenas assistencialistas e começaram a ter um cunho pedagógico voltado para a preparação das crianças para o ensino regular. A partir desse movimento iniciado pela rede privada, foi-se criando um movimento de todos para que houvesse uma regulamentação que garantisse que tanto espaços públicos quanto particulares pudessem exercer o mesmo atendimento para as crianças.

Depois de quase um século, a comunidade acadêmica, população, profissionais da educação e instituições não-governamentais deram início de fato a uma mobilização na sociedade para que uma educação de qualidade fosse

ofertada para todas as crianças desde o nascimento. Em 1988, na Carta Constitucional, as crianças de 0 a 6 anos foram citadas, pela primeira vez, como sujeitos que possuíam direitos em sociedade. Dois anos depois, foi desenvolvido o ECA, Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8.069/90. De acordo com o Estatuto, “[...] a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa[...]” (BRASIL, 1990).

Após a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1994, o Ministério da Educação lançou documentos direcionados para a educação infantil. Foram diversos documentos que receberam o título de “Política Nacional de Educação Infantil”. E foram esses documentos que começaram a esclarecer o que de fato é a educação infantil. Os principais pontos que vinham como fundamentais para esse segmento da educação eram: formar profissionais para atuar com a educação infantil com escolaridade e conhecimento compatível com a área e desenvolver propostas pedagógicas para trabalhar com as crianças, saindo do conceito de assistencialismo.

Dois anos depois, em 1996, foi adicionado à LDB - Lei de Diretrizes e Bases um tópico que afirma a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, ou seja, torna o Estado responsável por garantir acesso a uma educação que promova pleno desenvolvimento para crianças de zero a seis anos. Em 1998, o Ministério da Educação, em diálogo com a legislação, publicou mais documentos voltados para a execução da Educação Infantil no interior das salas de aula. Intitulados como “Subsídios para o credenciamento e o funcionamento das instituições de educação infantil”, que se aproximam do que temos hoje em dia, a Base Nacional Comum Curricular, esses documentos possuíam objetivos gerais que orientavam professores e profissionais da educação a trabalhar na educação infantil. O “cuidar” já era visto como uma das partes pedagógicas do trabalho do professor e a criança tinha também seus direitos garantidos fora daqueles que estavam no contexto familiar.

Também em 1998, temos o RCNEI, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que é um documento elaborado pelo Ministério da Educação - MEC com o objetivo de ser uma base para o professor da educação infantil. O documento reúne um conjunto de reflexões educacionais e orientações para os profissionais que lidam diretamente com as crianças em sala de aula. Os

referenciais estabeleciam o que deveria ser ensinado para as crianças de acordo com a faixa etária.

Em 1999, foi implementada a DCNEI, uma alternativa para os Referenciais que ficou marcada por ser mais um manual de conteúdos para o professor e não visava a criança; já as Diretrizes focam na criança como protagonista e nos direitos de aprendizagem que elas têm.

Em 2001, veio a Lei 10.172/2001, do Plano Nacional de Educação. Essa lei surgiu após debates de que a educação infantil fosse de qualidade e acesso para todos, fazendo com que as desigualdades sociais e regionais fossem diminuídas, garantindo qualidade para todos no ensino público. Para checar se essa proposta foi cumprida ao longo dos anos, o PNE lançou 26 metas a serem batidas, porém neste trabalho não vamos avaliar esse quesito. O que nos acrescenta é que a educação infantil estava sendo finalmente reconhecida como parte importante do processo de ensino público brasileiro.

Vamos dar um salto no tempo para 2015, quando começa a ser elaborada a BNCC- Base Nacional Comum Curricular. A BNCC foi desenvolvida baseada em uma grande análise dos documentos curriculares brasileiros. Participaram dessa análise 116 profissionais indicados pelas secretarias de educação dos estados e municípios brasileiros. Ao longo da produção da Base, houve consultas públicas em que a população possuía o direito de participar diretamente da elaboração do documento, foi aí que muitos educadores tiveram oportunidade de participar desse momento. No final de 2017, o texto final da BNCC foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação e oficializado pelo Ministério da Educação, até este momento a Base continha as orientações para a Educação Infantil e Ensino Fundamental.

### **1.1 Contribuições da DCNEI**

O documento de Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil foi criado em 2009, com objetivo parecido com o do RCNEI, porém precisava-se criar diretrizes que não fossem vistas como de implantação obrigatória e que respeitassem as particularidades e as diversas culturas existentes no Brasil. A primeira versão do documento foi criada em 1999, através da Resolução CNE/CEB nº 1/99 e Parecer CNE/CEB nº 22/98.

O documento era formado por oito diretrizes e trouxe diversos pontos da educação infantil que são de extrema importância até os dias de hoje, como, por exemplo, a formação dos professores e a avaliação do desenvolvimento da criança. A grande diferença desse documento era a autonomia que ele direcionava para as escolas terem de acordo com seus alunos, funcionários, local e toda a infinidade de particularidades que tem cada escola. Dez anos depois, em 2009, temos uma continuidade no documento, a fim de acompanhar a grande proporção que a educação infantil assumiu nos últimos anos.

Nesse novo documento, o MEC abriu um debate nacional para contribuições na escrita e formulação das diretrizes, do qual participaram universidades, secretarias de educação, movimentos sociais, fóruns, todos com a finalidade de acrescentar positivamente nas DCNEI. Foram criadas 15 seções: objetivos, definições, concepção de Educação Infantil, princípios, concepção de proposta pedagógica, objetivos da proposta pedagógica, organização de espaço, tempo e materiais, proposta pedagógica e diversidade, proposta pedagógica e crianças indígenas, práticas pedagógicas da Educação Infantil, avaliação, articulação com o Ensino Fundamental, implementação das Diretrizes pelo Ministério da Educação e o processo de concepção e elaboração das Diretrizes. (Brasil, MEC/SEB, 2010).

O documento das diretrizes conclui que as propostas pedagógicas precisam respeitar os princípios éticos, estéticos e políticos, garantindo a função sociopolítica e pedagógica da escola, entendendo que o cuidar e educar caminham juntos, com o mesmo grau de importância para a formação e desenvolvimento para a criança.

## **1.2 O que diz a BNCC sobre a Educação infantil.**

A BNCC, na parte da educação infantil, é composta por áreas classificadas como: Os campos de experiências, Os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a educação infantil e A transição da educação infantil para o ensino fundamental. Além dessa divisão, o documento determina que a criança de zero a seis anos possui seis direitos ao ingressar na escola, são eles: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se.

Os direitos listados pela BNCC comprovam que a educação infantil é um segmento da educação de extrema importância no desenvolvimento da primeira

infância, a partir deles, podemos analisar que de fato há uma preocupação em tornar a criança protagonista de todo um processo pedagógico.

“A entrada na creche ou na pré-escola significa, na maioria das vezes, a primeira separação das crianças dos seus vínculos afetivos familiares para se incorporarem a uma situação de socialização estruturada”. (BNCC, 2017)

Falando sobre os objetivos da BNCC, o documento traz uma divisão por etapa escolar denominada como creche para bebês, de zero a um ano e seis meses, e para crianças bem pequenas, de um ano e sete meses até os três anos e onze meses. A outra denominação é a pré-escola, para crianças de quatro anos a cinco anos e onze meses. Essas divisões são feitas para que os objetivos propostos pelo documento se encaixem na faixa etária e momento que a criança está vivendo. Exemplificando, o desenvolvimento de um bebê de um ano é diferente do de uma criança com quatro anos. As vivências e experiências são outras, e o documento tem a intenção de orientar de acordo com o que vai contemplar melhor o aluno. Há exceções que devem ser consideradas, a própria BNCC relata que, acima de tudo, é essencial respeitar o ritmo de aprendizagem e desenvolvimento de cada aluno; o professor cria experiências, mas quem as vivencia são os alunos, cada um com suas particularidades, como explicita o trecho a seguir:

“(...)Todavia, esses grupos não podem ser considerados de forma rígida, já que há diferenças de ritmo na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças que precisam ser consideradas na prática pedagógica.” (BNCC, 2017)

A partir do estudo e análise do que diz a BNCC, conclui-se que os eixos estruturais do documento para a educação infantil são o brincar e a interação da criança, seja por meio de brincadeiras, jogos, com ela mesma, com o corpo, com os outros etc. O importante é garantir que o aluno tenha seus direitos de aprendizagem cumpridos através dessa interação com o mundo.

A literatura aparece na BNCC na seção “Campos de experiências: Escuta, fala, pensamentos e imaginação”, que indica os saberes e conhecimentos apropriados para as crianças. Porém, pesquisando os objetivos que devem ser cumpridos em cada idade e fase das crianças, constatei que a BNCC não cita a

literatura como fundamental na rotina escolar, apenas fala em alguns momentos sobre leitura, mas de forma superficial, sem dar a devida importância aos momentos de contação de histórias, por exemplo. Os objetivos que citam a leitura falam no geral de apresentar livros aos alunos e verificar se estão acompanhando a leitura. O uso da literatura em sala de aula vai muito além de uma leitura de texto; a partir dessa leitura, o professor tem a liberdade de navegar naquela narrativa e explorar tudo que os livros oferecem, é possível realizar diversas atividades didáticas baseadas em apenas uma leitura de livro.

## 2 A IMPORTÂNCIA DO USO DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A leitura é uma arte de extrema importância para a vida humana, é nos livros que as pessoas têm a oportunidade de imaginar e vivenciar experiências diferentes das que vivem na vida real, a leitura teletransporta o leitor para onde ele quiser. Sendo assim, é necessário que o hábito da leitura seja desenvolvido desde o nascimento da criança, e a escola possui um papel fundamental, enquanto espaço de desenvolvimento, em despertar essa prática literária nos alunos. Quando se faz uma pesquisa sobre o que é a literatura, aparecem diversas definições, mas o significado que mais agrega para este estudo é o descrito por Coelho (2000, p.27): “a literatura é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”.

Sendo assim, entendemos que a escola é um ambiente ideal para proporcionar aos alunos uma experiência literária positiva, muitas vezes apresentando a literatura à criança que não tem acesso em casa ao mundo dos livros. A literatura na educação infantil contribui diretamente no desenvolvimento dos alunos, tornando a jornada escolar muito mais atrativa, agregando às crianças conhecimento, criatividade e desenvolvendo a oralidade e escrita dos pequenos. Segundo Goés (2010, p.47), esses são alguns dos pontos positivos da literatura para crianças:

O desenvolvimento da leitura entre crianças resultará em um enriquecimento progressivo no campo dos valores morais, da cultura da linguagem e no campo racional. O hábito da leitura ajudará na formação da opinião e de um espírito crítico, principalmente a leitura de livros que formam o espírito crítico, enquanto a repetição de estereótipos empobrece.

Além da escola, é importante que as famílias também assumam um papel de incluir a literatura na rotina da criança, com atos simples como visitar bibliotecas públicas, ler ou até mesmo inventar e contar histórias para os filhos desde o nascimento. Essas atitudes irão caminhar em paralelo com o trabalho literário na escola, fazendo com que o aluno veja sentido no que está vivenciando na escola em sua vida pessoal em casa, com sua família. Segundo Barbosa (1999, p.22):

Para a criança, ouvir histórias estimula a criatividade e formas de expressão corporal. Sendo um momento de aprendizagem rica em estímulos sensoriais, intelectuais, dá-lhe segurança emocional. Ouvir histórias também ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções, supre dúvidas e angústias internas. Através da narrativa a criança começa a entender o mundo ao seu redor e estabelecer relações com o outro, a socialização.

A escola tem a função de trazer a literatura com um cunho mais pedagógico, já a leitura que os pais ou responsáveis fazem com as crianças em casa é mais afetuosa, além de desenvolver o cognitivo, esse momento de leitura em casa estreita laços afetivos e emocionais.

Outro agente importante no processo de valorização da literatura na educação infantil é o professor. O professor é quem faz a mediação da apresentação do aluno a leitura na escola. A escolha dos livros adequados para trabalhar com as crianças é fundamental para que o momento de leitura se torne prazeroso para ambas as partes. Além disso, há a grande vantagem de o professor usar a literatura para trabalhar valores aos alunos, como, por exemplo, livros que falem sobre respeito, diversidade, combate ao preconceito etc.

Portanto, para que o professor crie um hábito de leitura em seus alunos, é preciso que ele primeiro seja conhecedor da literatura que pretende apresentar para seus alunos. As crianças de zero a seis anos têm a prática de se inspirar muito nos adultos a sua volta, a criança precisa reconhecer que o educador tem apreço e conhecimento daquilo que está fazendo, desse modo a experiência se tornará completa. Assim diz Sacilotto (2016, p.34):

Quanto ao trabalho pedagógico do professor no que concerne às práticas de leitura, estas necessitam ser de conhecimento concreto do professor, isto é, o professor precisa, primeiramente, conhecer e ser leitor das obras com as quais pretende trabalhar, com o intuito de conhecê-las, para assim, desenvolver adequadamente seu trabalho

Outro ponto importante da literatura na educação infantil é proporcionar às crianças uma diversidade na rotina, ou seja, não apenas apresentar textos e fazer leituras como diz a BNCC, é preciso que se façam experiências mais concretas com as crianças, como, por exemplo, projetos literários, confecção de livros, visitas a bibliotecas e teatro de fantoches com contação de história. Sabemos que as crianças pequenas gostam de tocar, sentir que aquilo pode se tornar realidade,

essas experiências fazem com que elas sintam a magia da leitura e tudo que ela pode proporcionar.

Existe no Brasil o PNLD, Programa Nacional do Livro Didático, que é um projeto criado em 1937 pelo MEC e aprimorado ao longo dos anos até chegar no formato que temos atualmente. Este projeto distribui anualmente livros didáticos para escolas federais, estaduais e municipais em todos os segmentos de ensino. Além de materiais didáticos de conteúdos programáticos, como Língua Portuguesa e Matemática, para a educação infantil, o PNLD distribui livros que visam contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

O uso da literatura em sala de aula com as crianças da educação infantil não tem como objetivo somente alfabetizar os alunos, mas sim garantir que eles tenham vivências através das leituras. O livro é uma fonte de conhecimento que exerce um importante papel na formação da criança como sujeito, através do estímulo ao pensamento crítico e apresentação de valores morais.

A importância da Literatura Infantil se dá no momento em que a criança toma contato oralmente com ela, e não somente quando se tornam leitores. Dessa forma, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer. É através dela que a criança pode conhecer coisas novas, para que seja iniciada a construção da linguagem, da oralidade, de ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal (BARROS, 2013, p. 22).

### 3 A TEORIA E A PRÁTICA

A pesquisa foi realizada com objetivo de trazer práticas literárias que contribuem no desenvolvimento das crianças que estão matriculadas na Educação infantil. Para trazer este relato, foi realizada uma entrevista virtual com uma docente que atua em um Espaço de Desenvolvimento Infantil no Rio de Janeiro. A partir dessa entrevista, foram feitas análises que caminharam paralelamente às teorias documentais da educação infantil e de autores da área, a fim de comprovar a hipótese que motivou o trabalho, constatar que o uso da literatura impacta diretamente na formação dos alunos.

Além da entrevista, foi elaborado um questionário com o intuito de conhecer melhor os responsáveis das crianças da turma ministrada pela professora entrevistada. O questionário foi feito através de um formulário no qual a pessoa ao responder não precisava se identificar, apenas assinalar as respostas em que se enquadram e no final dar um breve relato sobre o desenvolvimento da criança.

Antes de trazer as contribuições da entrevista da professora, é importante contextualizar a situação atual da educação infantil no município do Rio de Janeiro, local da análise desta pesquisa.

Em 2008, o então prefeito Eduardo Paes e sua Secretária de Educação, Claudia Constin, entenderam que a demanda para as creches e escolas para crianças de zero a seis anos estava aumentando e decidiram trazer um olhar mais atento para este segmento da educação. O primeiro feito foi a criação do “Plano de expansão e salto de qualidade – a política da SME para a Educação Infantil”. Uma das políticas desse plano era a criação de Espaços de Desenvolvimento Infantil, espaços que atendiam somente crianças até os seis anos de idade. Esse modelo é o que ainda temos atualmente e é o espaço onde o estudo de caso foi realizado.

De acordo com a SME- RJ, os EDIs têm os seguintes compromissos:

Ter como princípio educativo dispor de brinquedos e materiais pertinentes a cada faixa etária atendida, para o enriquecimento das vivências, experiências e atividades das crianças. A brincadeira do faz de conta é o eixo central da proposta do EDI para a infância saudável, pois expande ilimitadamente a capacidade de aprendizagem das crianças e, em particular, a sua expressão oral, base da escrita e do processo de aquisição da leitura. Os diálogos entre seus pares e com os adultos são, dessa forma, a estratégia pedagógica mais importante na primeira infância.

Além disso, os EDIs têm suas propostas pedagógicas baseadas nas particularidades do município, atendendo às recomendações da DCNEI. É importante trazer esse breve contexto histórico para ilustrar o formato do espaço em que atualmente está inserida a educação infantil no Rio de Janeiro. A professora entrevistada atua em um EDI reformado, que anteriormente era uma escola de ensino fundamental.

Após entrar na realidade do município do Rio de Janeiro, atualmente a educação infantil é ofertada para as crianças em Creches municipais e EDIs (Espaço de Desenvolvimento Infantil). As creches atendem à categoria bebês, os EDIs às crianças bem pequenas e crianças, nomenclatura oriunda da BNCC. Esses espaços escolares são alguns novos e outros eram escolas municipais para todas as idades e foram adaptadas para receber crianças de no máximo seis anos. Na escola em que a professora entrevistada atua, não há biblioteca. A escola era um espaço que atendia crianças mais velhas e foi adaptado para as crianças mais novas, porém nessa adaptação a biblioteca que tinha foi extinta.

A questão norteadora deste trabalho é descobrir se é possível colocar em prática o que os documentos da educação infantil propõem para os profissionais de educação e como esse trabalho é feito na prática do dia a dia. Apesar de observar por dois anos a mesma turma, o ambiente escolar, as metodologias etc., senti que apenas uma entrevista iria trazer informações que fossem indispensáveis para quem quer entender como funciona de fato uma rotina escolar e quais artifícios usados por uma professora para atingir uma experiência de qualidade para um aluno da educação infantil.

A turma analisada é composta por 16 alunos e faz parte de uma escola que fica situada na zona norte do Rio de Janeiro. Os alunos têm entre três e quatro anos e frequentam a escola em horário integral. A professora regente da turma aceitou participar da pesquisa e dividir conosco seus métodos, sua rotina e frustrações enquanto docente. Trarei neste capítulo uma análise da entrevista realizada com a professora Joice (nome fictício), usarei trechos de falas da professora em concordância com alguns autores que falam sobre o assunto. A entrevista completa estará no Anexo I deste trabalho.

Joice iniciou nos inserindo em seu contexto pessoal e acadêmico: mulher, negra, carioca, concluiu o ensino médio com formação de professores e é formada em pedagogia pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Jovem, desde seus 18 anos Joice atua na educação infantil, iniciou seu trabalho em uma escola pequena no seu bairro. Desde então, há 9 anos, ela trabalha com crianças.

Entrando no contexto escolar onde ela trabalha atualmente e é o nosso objeto de pesquisa, Joice compartilha que usa a literatura infantil como um artifício essencial para pautar suas aulas semanais. A professora se queixa de não possuir biblioteca na escola e nem ter tempo de planejamento das aulas e conseqüentemente a literatura fica deixada de lado, e que ela só consegue inserir os livros para as crianças porque é um método dela, que ela se esforça para que aconteça.

Os livros disponibilizados para as crianças são fornecidos pela professora, escolhidos por ela com antecedência. A docente concluiu sua especialização em Práticas de Letramento, onde ela pesquisou sobre livros do Programa Nacional do Livro Didático, que é um projeto que distribui livros nas escolas brasileiras. Joice usou os livros que recebeu na escola que trabalha para fazer uma avaliação a fim de descobrir se aqueles livros estavam de acordo com a realidade de seus alunos.

Especialmente no meu trabalho, a literatura precisa abarcar a realidade de crianças negras, elas precisam se reconhecer através dos livros, ampliando uma leitura de mundo no qual elas vivem. (Trecho da entrevista com a professora)

Portanto, as escolhas de títulos da professora vão muito além dos livros que o PNLD entrega, ela precisa analisar a realidade dos alunos dela, para que a leitura os contemple e ela consiga criar novas possibilidades através dos ensinamentos que os livros trazem. Outro ponto que a professora traz é o uso dos livros como forma de trabalhar a oralidade das crianças, ela procura trazer títulos que não sejam tão infantilizados. Além disso, a professora também está sempre atenta para não adotar essa postura infantilizada<sup>1</sup> com o aluno, ela procura

---

<sup>1</sup> Segundo a professora, esse conceito de infantilização tem a ver com o tratamento do dia a dia, como chamá-la de “tia” e usar sempre palavras no diminutivo para se referir a criança. Livros infantilizados não têm relação com livros de fantasia, e sim com livros que reforcem esses comportamentos.

tratá-los de igual para igual e de maneira respeitosa, mantendo o diálogo como base das relações.

Ouvir história é recuperar a herança empírica do homem, seus medos, descobertas e desejos. As crianças sabem muito bem o que é essa herança empírica no turbilhão de sentimentos que vivenciam, é onde entra a figura do professor/contador de histórias como mediador deste processo de aprendizagem de lidar com as emoções (SOUZA; BERNARDINO, 2011, p. 242).

A utilização da literatura como base das aulas da professora fez com que ela percebesse que estava no caminho certo, pois é notável no dia a dia que as crianças estão se desenvolvendo e muitas vezes mostram diretamente a influência dos livros nessa evolução. Ela relata que as crianças de 3 e 4 anos repetem situações ouvidas em contação de histórias em momentos do dia, como, por exemplo, usar uma atitude positiva de um personagem principal do livro como referência na própria atitude, ou demonstrar interesse por livros fora da escola, em casa com os pais.

Além da contação de histórias, a professora traz um ponto interessante, que é a leitura de imagens. As crianças da turma não sabem ler, mas ela relata que, quando disponibiliza um livro para as crianças, elas fazem leituras através das imagens e criam suas próprias histórias, e essa é uma das atividades que ela acha essencial na rotina. O tempo todo na vida fora do ambiente escolar a criança é bombardeada com informações, as crianças estão o tempo todo lendo sem conhecer de fato o mundo escrito, e essa forma de leitura já nos foi apresentada por Freire, que diz “[...] A leitura de mundo precede a leitura da palavra”. (Freire, 2002, p11).

Em diálogo com a teoria estudada durante a formação do professor, entende-se que a criança compreende os símbolos do mundo em que está inserida de acordo com o desenvolvimento da sua inteligência, e em consequência disso o universo linguístico será explorado. Portanto, a conclusão que a professora teve está em concordância com a teoria, ela considera importante que seus alunos compreendam os livros da forma que eles conseguem, por imagens ou através da contação dela, e somente depois desses processos mediados por um adulto eles terão pleno desenvolvimento e autonomia de leitura. Ou seja, a prática de mediar a leitura e deixar que os alunos contem as histórias a partir dos seus entendimentos das imagens dos livros não é com o objetivo direto de ensinar os alunos a lerem,

esse aprendizado ocorre somente quando o desenvolvimento da inteligência da criança estiver preparado para isso. Ao contrário do que um senso comum entende de que a leitura só é para quem sabe ler, a mediação e leitura feita pelas crianças não alfabetizadas é um processo necessário e enriquecedor de vocabulário, imaginação e criatividade.



Foto da professora fazendo uma leitura de histórias com seus alunos.

Uma outra metodologia interessante utilizada pela professora é ler os livros e depois perguntar qual aluno gostaria de recontar a história para os colegas. Nesse movimento simples de contações, os alunos têm a chance de relacionar as imagens com a escrita que tem no texto ou até mesmo imitam a leitura da docente, mas esse desenvolvimento a longo prazo nos remete a um conceito presente na teoria de Vygotsky, o de zona de desenvolvimento proximal. Esse momento em que a criança tenta realizar a leitura e o momento em que futuramente ela conseguirá realizar de forma independente através dessa prática ilustra esse conceito.

Em relação à formação da identidade das crianças e ao uso da literatura nesse desenvolvimento, a professora pontuou que a escola fomenta e faz parte dessa construção. A interação das crianças com os pares, com o espaço, as experiências, tudo isso constrói uma identidade.

De acordo com o RCNEI, a identidade tem como função diferenciar um indivíduo do outro e fomentar a formação da identidade é uma etapa básica da Educação Infantil. As crianças tem suas características próprias desde o nascimento e na educação infantil pode-se trabalhar com esse conceito de diversas formas. Uma delas é a literatura. Em sala de aula, a professora Joice busca selecionar livros que falem sobre valores sociais e culturais, a importância da individualidade de cada um e suas relações com o outro também. Através dessas leituras, os alunos conseguem entender a si, o outro e compreender o mundo.

A criança passa muito tempo dentro da escola, a relação com seus pares, com o professor, com as atividades pedagógicas (...) vai ser determinante nessa construção. A individualidade das crianças acaba fazendo parte de uma identidade construída coletivamente. (Trecho da entrevista)

Aproveitando do bom relacionamento da professora com os familiares dos alunos, pedi que ela divulgasse para eles no grupo que eles têm juntos em um aplicativo de mensagem um questionário, de participação voluntária. Responsáveis de 11 dos 16 alunos responderam ao questionário. As respostas dos familiares foram bem esclarecedoras quanto ao meu objetivo: Constatar se os responsáveis estão satisfeitos e notam mudanças no desenvolvimento das crianças.

O questionário é composto por 4 perguntas, 3 delas têm as alternativas de respostas para serem assinaladas; a outra pergunta possui a resposta livre e algumas delas serão citadas posteriormente. Na página seguinte estão as tabelas com as respostas das perguntas que possuíam alternativas.

**Tabela 1** - Escolaridade dos responsáveis da turma analisada por este estudo.

<b>Afirmção</b>	<b>Respostas</b>
Não frequentou a escola.	1 responsável
Ensino fundamental incompleto.	2 responsáveis
Ensino fundamental completo.	2 responsáveis
Ensino médio incompleto.	Nenhuma resposta.
Ensino médio completo.	5 responsáveis
Ensino Superior (Completo ou incompleto)	1 responsável

Tabela 1. Elaborado pela autora.

Com essa afirmação, meu objetivo era entender o perfil acadêmico dos familiares dos alunos para analisar se o nível de escolaridade iria influenciar nas respostas da tabela 3, pois entende-se que pais que leem e são alfabetizados lêem para seus filhos e incentivam a leitura em casa, dando acesso a livros. As respostas foram variadas e apenas um responsável não frequentou a escola e a maioria possui ensino médio completo.

**Tabela 2** - Levantamento do número de responsáveis que notam o desenvolvimento dos alunos através das práticas em sala de aula.

<b>As práticas na rotina na sala de aula estão contribuindo na formação do seu filho?</b>	<b>Respostas</b>
Sim, contribuem.	10 responsáveis.
Não contribuem.	Nenhuma resposta.
Não sei dizer.	Nenhuma resposta.
Contribui em partes.	1 responsável.

Tabela 2. Elaborado pela autora.

Na tabela 2, a pergunta foi voltada para entender se os pais estão recebendo aquilo que a professora se propõe a entregar para eles, a pergunta é específica sobre a rotina em sala, pois assim fica subentendido que essas rotinas influenciam diretamente na formação das crianças, e em casa os pais conseguem notar mudanças e evoluções nos filhos no dia a dia. Como resultado, obtivemos 10 responsáveis que dizem que as práticas em sala estão contribuindo na formação de seus filhos, nenhum responsável acha que não contribui e apenas 1 acredita que contribui em partes. Esse feedback dos pais é extremamente importante, pois não ficamos apenas com a visão da professora sobre a evolução das crianças, a família passa a maior parte do tempo com eles e pode nos informar com precisão se as práticas estão sendo satisfatórias fora do ambiente escolar. Além do mais, essa avaliação dos responsáveis demonstra que eles estão atentos ao desenvolvimento do filho, independentemente de estarem satisfeitos com as práticas ou não, havia a opção de responder “Não sei dizer.” e essa opção não foi escolhida por ninguém, ou seja, todos estão acompanhando seus filhos na escola. Assim, como diz Silva (2017, p. 124):

a família que se interessa em saber sobre a relação dos filhos com os professores, sobre o seu comportamento em sala de aula, suas notas e dificuldades, enfim, que procura se inteirar sobre tudo relacionado ao rendimento escolar do filho, normalmente está disposta e aberta a ajudar o professor a vencer os desafios em sala de aula, adotando medidas complementares em casa. Essa postura, inevitavelmente, promove uma melhora na performance do aluno.

**Tabela 3** - Levantamento do número de crianças que possuem interesse pela leitura de livros infantis e se tem acesso aos mesmos em casa, fora do ambiente escolar.

<b>Seu filho tem interesse em livros infantis?</b>	<b>Respostas</b>
Sim, mas só tem acesso a livros na escola.	4 responsáveis.
Sim e tem acesso a livros em casa.	7 responsáveis.
Não tem interesse.	Nenhuma resposta.

Tabela 3. Elaborado pela autora.

A questão da tabela 3 é fundamental para entender se os familiares conseguem concretizar e agregar benefícios ao trabalho literário desenvolvido pela professora em sala de aula. Como resultado positivo, não há nenhum aluno que não tenha interesse por livros. Porém, apenas 7 crianças têm acesso a livros em casa, os outros 4 só têm contato com livros na escola.

A pergunta que tinha resposta livre era: “Você nota que seu filho está desenvolvendo independência dentro e fora da escola?” Todas as 11 respostas foram positivas, irei destacar algumas a seguir. (Todas as respostas citadas terão nomes fictícios.)

Meu filho mudou muito, quer fazer tudo sozinho as vezes nem parece que só tem 3 aninhos, a professora Joice é uma ótima professora, fez um milagre com meu menino arteiro. (Mãe do João)

Sim, e sei que a escola ajudou muito! Meu filho passa o dia lá e sei reconhecer que ele cada dia que passa está mais esperto! (Mãe do Pedro)

Sim, eu noto. E agradeço muito o tratamento que a professora tem com a gente pais e com nossos filhos, é um alívio saber que eles estão em boas mãos. (Mãe da Maria)

Depois de entrevistar e analisar as falas da professora junto a observação durante o estágio e as respostas positivas dos responsáveis das crianças, é possível perceber que a teoria acerca da literatura está em consonância com a prática aplicada em sala de aula na turma analisada. O uso da literatura com as crianças impacta diretamente no desenvolvimento delas ao longo do ano letivo.

Para analisar se de fato as práticas da professora contribuem para a formação dos alunos, usarei aqui o relato da professora do dia a dia de seus alunos, minha observação da turma durante o tempo em que ela foi a professora regente e a opinião de 11 dos 16 responsáveis dos alunos. Vou citar um exemplo que poderia ter passado despercebido mas ilustra bem o impacto causado pelos livros na rotina dos alunos. Em uma semana, a professora escolheu trabalhar com um livro chamado “Dindo”, o livro basicamente é sobre a relação de padrinhos e afilhados, e na história o Dindo sempre ajuda seu afilhado. Durante a semana, passados alguns dias dessa contação, houve uma situação que um aluno ajudou o outro e um terceiro apontou e falou: “Ele tá ajudando igual o Dindo faz com o afilhado na historinha”. Naquele momento eu entendi que vai muito além da contação de história, as mensagens passadas pela literatura ficam nas crianças e são propagadas por elas.

De acordo com Coelho (2000, p. 17), as atividades com a literatura podem ser programadas ou livres:

No que diz respeito às atividades com a literatura e a expressão verbal, o espaço-escola deve se diversificar em dois ambientes básicos: o de estudos programados (sala de aula, biblioteca pra pesquisa, etc.) e o de atividades livres (sala de leitura, recanto de invenções, oficina de palavra, laboratório de criatividade, espaço de experimentação, etc.).

É dessa forma que a professora trabalha em sala de aula, há momentos em que ela é mediadora das crianças com os livros. Como a escola não possui biblioteca, ela desenvolveu um projeto que a cada duas semanas uma criança leva um livro para casa e quando retorna com ele compartilha com os colegas como é a história, suas impressões etc. Todo esse trabalho é programado por ela. Já as atividades livres ficam mais por conta das próprias crianças, elas que guiam o que querem fazer a partir de uma leitura de história, a professora deixa aberto para quem quiser recontar a história, encenar a história, algumas vezes ela traz

atividades de arte e desenho, fazendo referências a algum livro, e até atividades com numeros, através de histórias contadas.

Durante a entrevista, nota-se também que, apesar das dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar citadas pela professora, como, por exemplo, a falta de tempo para planejamento, ela é uma profissional muito satisfeita e comprometida com o trabalho que faz. A professora entendeu que trabalhar semanalmente com os livros tem estimulado o desenvolvimento das crianças no lado emocional, social, crítico e cognitivo. As práticas da docente estão de acordo com esse trecho escrito por Cardoso e Faria (s/d, p. 4):

O ato de contar histórias instrui, socializa e diverte as crianças. É uma ferramenta que desperta o interesse pela leitura, ajuda no desenvolvimento psicológico e moral, auxiliando na manutenção da saúde mental das crianças em fase de desenvolvimento, amplia o vocabulário e o mundo de ideias, desenvolvendo a linguagem e o pensamento, trabalha a atenção, a memória e a reflexão, desperta a sensibilidade, a descoberta da identidade, adapta as crianças ao meio ambiente, assim como desenvolve funções cognitivas para o pensamento como comparação, raciocínio lógico, pensamento hipotético e convergente e divergente.

Não há ambiente melhor para analisar se o aluno está em pleno desenvolvimento do que em suas casas com as famílias, por isso o questionário era de suma importância. A professora fala bastante sobre a relação com as famílias e é sempre essencial ouvir também o outro lado. De acordo com todas as respostas coletadas, é fato que os responsáveis estão satisfeitos com as metodologias da docente e notam um desenvolvimento significativo em seus filhos, tanto sociais, quanto pessoais, como o desenvolvimento cognitivo. A razão dessa satisfação se dá por conta do relacionamento próxima da professora com os responsáveis, durante meu estágio participei de duas reuniões de pais e a professora se dedica integralmente para que o ambiente se torne convidativo para os pais, durante a semana da reunião, no horário da entrada e da saída, ela se empenha para que todos entendam a importância da presença na reunião. Segundo Piaget:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva a muita mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um

interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50)

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Finalizo este trabalho com alívio em constatar que é possível alinhar as teorias documentais com a prática no dia a dia do espaço escolar. Mesmo diante de adversidades, a professora deste estudo de caso consegue trazer para seus alunos uma vivência com a literatura ampla, que, além de contemplar a teoria, vai muito além dela e exerce um trabalho que atinge os eixos estruturais da educação infantil: Brincar e Interagir.

Além disso, podemos propor uma reflexão acerca do uso comum de livros em sala de aula, a literatura infantil é uma ferramenta fundamental nas mãos de um professor. O livro é um mundo a ser explorado de todas as formas possíveis, a experiência literária vai muito além de apenas uma contação de histórias, é preciso fazer com que esse contato com os livros seja prazeroso para as crianças, a fim de que futuramente elas se tornem pessoas leitoras para o resto da vida. O segmento da educação infantil é o momento que a escola tem para apresentar e inserir o aluno no universo dos livros, com práticas e rotina para que a criança se desenvolva com um repertório rico literário. Segundo Kramer:

A educação infantil tem um papel importante na formação do leitor, uma vez que é seu objetivo garantir os direitos das crianças à cultura oral e escrita, convivendo com gêneros discursivos diversos, orais e escritos (em especial a narrativa de histórias), e os mais diferentes suportes (em especial os livros literários). É preciso que as crianças estabeleçam relações positivas com a linguagem, a leitura e a escrita, e que lhes seja produzido o desejo de aprender a ler e a escrever. Que as crianças possam aprender a gostar de ouvir a leitura, que tenham acesso à literatura, que desejem se tornar leitores, confiando nas próprias possibilidades de se desenvolver e aprender (KRAMER et al, 2011, p. 81)

O objetivo deste trabalho era trazer uma prática que evidenciasse que é possível formar alunos na educação infantil que saibam se reconhecer individualmente e em sociedade. Este objetivo foi atingido, pois o relato da professora trouxe exemplos que corroboram essa afirmação. É importante acrescentar que a criança estabelece a sua identidade através do dia a dia interagindo e convivendo em pares, os livros contribuem de forma ativa nessa formação identitária através dos valores e lições contidos nas histórias.

É importante também destacar que as práticas literárias da docente somadas às práticas familiares, além de impactar no dia a dia escolar, também irão contribuir com o futuro daquelas crianças: muito além de conhecimento, eles estão aprendendo diariamente com os livros a ter valores que perduram por toda a vida, tornando assim a sociedade um local mais respeitoso, com menos competitividade e mais solidariedade.

## Referências Bibliográficas

BARBOSA, R. T. P. A leitura em dois pontos: ler e contar histórias. Releitura, n. 12, 22/ 03. Belo Horizonte, 1999.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação- PNE e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, v. 151, nº 120-A, 26 jun. 2014, Seção 1, p. 1-7.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da educação e do desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília, DF, 1998.

BRASIL/MEC. Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2010.

CARDOSO, A. L. S & FARIA, M. A. Contação de Histórias no Desenvolvimento da Educação Infantil. FAC - Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, São Roque. Disponível em: <  
<https://docplayer.com.br/27145364-A-contacao-de-historias-nodesenvolvimento-da-educacao-infantil.html>> Acesso em Setembro de 2022.

COELHO, N. N. Literatura infantil: teoria, análise, didática. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler: em Três Artigos Que se Completam. São Paulo: Cortez, 2002.

GÓES, L. P. Introdução à Literatura para crianças e jovens. São Paulo: Paulinas, 2010.

KLUNCK, Aline Theobald. LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES: UM OLHAR PARA CONTRIBUIÇÃO ESCOLA E FAMÍLIA. 2016. Disponível em:  
<http://faifaculdades.edu.br/eventos/SEMIC/6SEMIC/arquivos/resumos/RES16.pdf>. Acesso em 12 de Setembro de 2022

OLIVEIRA, Zilma Moraes R. Creches: Crianças, faz de conta & Cia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

OSTETTO, E. L. O planejamento na educação Infantil: mais do que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios. Campinas/ SP: Papirus, 2000.

PIAGET, Jean. Para onde vai a educação? Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.

SACILOTTO, Isabele Candiotto. As contribuições da leitura literária para a constituição do sujeito leitor na formação inicial. TCC (Graduação)- Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2016.

SOUZA, L. O. & BERNARDINO, A. D. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental. In.: Revista Educere et Educare. UNIOESTE, v. 6, n. 2, Cascavel, 2011.

## **Anexo 1**

### **Entrevista**

1- Qual a sua formação? Há quanto tempo atua na educação infantil?

Resposta: Eu me formei no curso normal, nível médio em magistério, em 2012, no Instituto de Educação Carmela Dutra. Em 2013 eu entrei para graduação de pedagogia na UERJ, e em 2013 mesmo eu tive minha primeira turma de Educação infantil, numa escola pequena e nem cheguei a assinar a carteira. Foi minha primeira turma sozinha, eu tinha 18 anos, era uma turma de maternal. E desde então eu só fiquei 1 ano sem atuar na Educação Infantil, todos os outros anos a partir daí eu assumi turmas de educação infantil. 9 anos como professora regente de educação infantil.

2- Como você faz o seu planejamento de aula? Consegue executar o planejamento na prática?

Resposta: A questão do planejamento, você que foi estagiária lá na rede pública você deve lembrar, né... A nossa realidade, apesar do planejamento ser algo garantido por lei, a nossa realidade, na prática, é bem diferente. Eu sou professora 40 horas no município do Rio de Janeiro, atualmente, e a gente não tem, pelo menos na minha escola, que é um EDI, nós não temos esse tempo para planejamento porque não tem profissionais que possam estar cobrindo as turmas para que os professores consigam fazer esse planejamento. O que acontece é que quando os alunos estão nas aulas de educação física nós temos essas 3 horas por semana, que é pouco tempo, para esquematizar tudo, fazer um trabalho melhor, só que não temos como. Eu particularmente, como meus alunos dormem, têm essa hora de dormir, eu utilizo o momento de sono diário dos meus alunos para pelo menos esboçar um planejamento. E aí a gente tem o projeto político pedagógico da escola e a partir desse projeto, temos um encaminhamento semanalmente, e a

partir disso eu planejo o que consigo na escola; mas no final eu acabo usando meu final de semana para organizar tudo isso com calma e qualidade. No final de semana a gente precisa dar conta da nossa vida social, mas eu sempre acabo reservando um tempo para atender as demandas de planejamento da escola, senão eu sinto que meu trabalho semanal não flui, eu preciso planejar.

3- Qual a sua percepção sobre a sua prática?

Resposta: A minha percepção sobre a minha prática, ela vem muito em cima dessa questão da organização, do planejamento, como não tem tempo de fazer, a impressão que eu tenho é que a minha prática, é... eu gosto da minha prática, eu admiro meu trabalho e gosto muito do que faço, além do meu comprometimento com a profissão eu tenho um comprometimento com as minhas crianças e com os responsáveis, sempre me coloco no lugar deles, o que eu gostaria, esperaria da educação infantil se eu fosse responsável de uma das crianças? Então, além de tudo aquilo que eu aprendi sobre educação, tanto na teoria quanto na prática, eu também levo em consideração o que meus alunos e seus responsáveis esperam de mim. Claro que disso tudo eu faço um apanhado do que eu consigo entregar pra eles. Eu vivo num looping infinito de "estou fazendo mas poderia fazer mais", então eu gosto do que eu faço mas sempre quero fazer mais. Eu me cobro muito e esse "fazer mais" seria possível se eu tivesse um tempo de planejamento adequado.

4- Para você, qual a importância da literatura na educação infantil?

Resposta: A gente sabe que dentro dos documentos oficiais da educação infantil os pontos principais são as brincadeiras e as interações; Isso me acompanha desde minha formação até hoje nas minhas práticas. Com isso a gente pensa em extrair o máximo de atividades que possibilitem esse brincar e as trocas e interações. Sendo assim, a literatura na educação infantil possibilita a imaginação, o jogo simbólico e além daquilo que a gente entende como leitura de mundo, né. Uma criança pegar um livro e mesmo sem saber ler ela lê aquele livro, é extremamente significativo. Então a literatura infantil ela sozinha consegue ser

capaz de desenvolver e possibilitar diversas habilidades e produção de saberes. Eu uso a literatura como base do meu trabalho. Todos os dias eu tenho que trazer literatura para meus alunos. Claro que tem dias que não consigo, mas meu esforço é para que eu sempre consiga. Então, a importância da literatura na educação infantil é isso, é possibilitar a construção de novos leitores desde a primeira infância. Possibilitar imaginação, jogo simbólico, o trabalho com a música, corpo, movimento; a literatura infantil, só ela mesmo, ela e quem está mediando, possibilita diversos aprendizados para a criança.

5- De que forma você insere a literatura no cotidiano das crianças? Como é feita a seleção dos livros usados?

Resposta: Vou explicar um pouco como eu insiro a literatura no meu cotidiano com as crianças. Sempre no momento da rodinha de conversa diária, em algum momento dali a gente faz a leitura de uma história; e após esse momento de contação, a gente faz as inferências, o livro vai passando de mão em mão, as crianças manuseiam, recontam a história e isso vai se desenvolvendo ao longo do dia. Tem dias específicos em que eu faço um trabalho de disponibilizar os livros pra eles, é... e eles manuseiam né, ali com supervisão e a gente percebe que eles vão fazendo as inferências mesmo sem saber ler, sem decifrar o código linguístico, e isso é muito satisfatório, né... E com relação a esse projeto de disponibilização, esses livros são escolhidos com antecedência, são sempre livros que vão agregar algo positivo para as crianças.

Eu terminei a minha especialização em Práticas de Letramento, e eu pesquisei alguns livros do PNLD, que é um programa nacional que distribui livros nas escolas, e os livros que eu recebi na minha escola eu fiz uma avaliação desses livros, sobre quais literaturas estavam ali, né, se as literaturas se abarcavam na realidade dos meus alunos, especialmente no meu trabalho, a literatura precisa abarcar a realidade de crianças negras, elas precisam se reconhecer através dos livros, ampliando uma leitura de mundo no qual elas vivem.". Mas de forma geral, respondendo sua pergunta, o que eu enxergo nas literaturas isso, será que essas literaturas apresentam, ampliam o mundo, e trazem uma leitura de mundo que as crianças vivem também, né. Às vezes eu tenho a impressão de que algumas

literaturas infantilizam demais, aquela ideia de ampliar o imaginário infantil vai muito além com histórias muito cabulosas. Claro que existe a necessidade de possibilitar que esse imaginário se amplie, mas será que é a qualquer preço? Eu tenho esse incômodo com algumas literaturas que vão muito, muito, muito além do que aquilo que é real; Porque às vezes falta trazer um pouco do que a criança vive e possibilitar a partir disso novas construções, novas visões de mundo. As pessoas tem uma ideia da educação infantil de ser aquela infantilização generalizada, falando no diminutivo, sempre com a fala doce, mas não é assim, eu trato meus alunos de igual pra igual, sabe? Eles precisam ter o repertório oral ampliado, a maturidade emocional.

6- O uso da literatura para as crianças estimula o desenvolvimento da ampliação do conhecimento de mundo, como diz um dos campos de experiências da educação infantil na BNCC. De que forma você nota esse desenvolvimento nos seus alunos no dia a dia?

Resposta: Então, com literaturas selecionadas, dentro daquilo que eu acredito pro trabalho da educação infantil, a gente vai percebendo esse desenvolvimento no dia a dia através das falas, do comportamento das crianças, muitas vezes eles repetem falas dos livros, fazem referência a algum acontecimento do livro com o cotidiano deles, a gente vai percebendo nas relações.

7- A literatura contribui na formação identitária dos seus alunos?

Resposta: Eu tenho certeza que contribui. Eles desenvolvem sim a identidade através da escola, a escola fomenta isso, né... Essa identidade faz parte do cotidiano escolar. As escolhas dos livros são feitas pensando nos valores que irão passar para os meus alunos. A criança passa muito tempo dentro da escola, a relação com seus pares, com o professor, com as atividades pedagógicas(...) vai ser determinante nessa construção. A individualidade das crianças acabam fazendo parte de uma identidade construída coletivamente.

8- O que você pensa sobre a relação família x escola? Você consegue ter um diálogo com os responsáveis de seus alunos?

Resposta: Ah... Eu amo esse assunto, essa turma me acolheu muito bem, os pais me acolheram. A família é essencial. Eu procuro sempre buscar isso com meus alunos, confesso que não tive boas experiências e cheguei com um pouco de receio e pé atrás, mas fui muito bem recebida e temos uma parceria incrível. Infelizmente essa não é a realidade da maioria, na rede pública o perfil dos responsáveis geralmente acaba os afastando da escola, a maioria não tem tempo ou acreditam que os filhos estão ali somente para que eles possam ir trabalhar. Mas a presença dos responsáveis entendendo a escola, entendendo o projeto é de uma importância sem tamanho, faz toda a diferença;